



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

EMMELINY DE ALMEIDA RUFINO

**DA SENZALA AO OLIMPO: REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NEGRAS
NA POESIA SOCIAL DE CASTRO ALVES E LUIZ GAMA.**

João Pessoa

2022

EMMELINY DE ALMEIDA RUFINO

**DA SENZALA AO OLIMPO: REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NEGRAS
NA POESIA SOCIAL DE CASTRO ALVES E LUIZ GAMA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras, do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Licenciada em
Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição da
Silva.

João Pessoa

Novembro/2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R926s Rufino, Emmeliny de Almeida.

Da senzala ao olimpo : representações de personagens
negras na poesia social de Castro Alves e Luiz Gama. /
Emmeliny de Almeida Rufino. - João Pessoa, 2022.
45 f.

Orientadora : Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Gama, Luiz. 2. Alves, Castro. 3. Literatura. 4.
Poesia. 5. Descolonização. I. Silva, Franciane
Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(81:6)

EMMELINY DE ALMEIDA RUFINO

**DA SENZALA AO OLIMPO: REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NEGRAS
NA POESIA SOCIAL DE CASTRO ALVES E LUIZ GAMA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português, sob orientação da Prof.^a Dra. Franciane Conceição da Silva.

Banca examinadora

Prof.^a. Dra. Franciane Conceição da Silva – UFPB (Orientadora)

Prof.^a. Dra. Alyere Silva Farias – UFPB (Examinadora)

Prof.^a. Dra. Carolina Batista de Souza - UFPB (Examinadora)

Prof.^a. Dra. Lílían Paula Serra e Deus - UNILAB (Suplente da Banca)

João Pessoa

Novembro/2022

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a contribuição de muitas pessoas. Clichê para alguns, a frase primeira dos meus agradecimentos pode soar como mais do mesmo, oração pronta de quem não sabe o que dizer. Alguns podem não saber o que dizer, mas eu sei. Falo, porque sinto e senti. Ao dizer que muitas pessoas contribuíram para este trabalho, não me refiro apenas aos que me apontaram o conhecimento teórico para a elaboração e conclusão deste TCC. Me direciono aos que foram suporte na minha caminhada acadêmica que começou em 2016, quando finalmente parei de fugir de uma licenciatura. Por muitos anos acreditei no discurso social de que o professor é um sofredor, de que a classe não ganha o suficiente nem para comer. Os “meus” permaneceram como suporte no sentido de suportar, de aguentar, de ser base, mão amiga para que eu não caísse da corda bamba que é o fazer acadêmico.

Dos primeiros aos últimos passos da caminhada, contei com a interlocução de Leyla Martins. Não só com a interlocução. Dividimos os trabalhos acadêmicos, o amor por algumas disciplinas, os pastéis do lanche... Também partilhamos a confusão e exaustão mental que a academia provoca. Choramos juntas quando, por inúmeras vezes, cogitamos desistir da licenciatura. Concluímos a graduação, porque nos proibimos de desistir do caminho. Eu escreveria incontáveis laudas sobre essa minha amiga, a cabrita que fez a diferença nesses meus seis anos de UFPB, contudo, me deterei em afirmar que partilhamos afetos, massa base de que a educação pura e simples é feita. Ainda sobre os afetos que circundaram essa escrita. Registro minha gratidão ao meu noivo que gerenciou minhas ausências, reiterou incessantemente o meu potencial e esforço. Não menos importante, abdicou de planos pessoais para tornar realidade todas as minhas ideias acadêmicas quase sempre mirabolantes.

Franciane Conceição da Silva, orientadora deste trabalho, merece um parágrafo neste espaço, flores e abraços afetuosos. Francy, mulher, negra, intelectual, professora da UFPB, plantou em mim a semente do saber com afeto. Devidamente regada em cada aula, a dita semente me transformou em uma professora que acredita no ensino afetivo, aquele que entende quem são os alunos, o que sentem, de onde vem e para onde estão indo. Francy criou em mim a consciência de que a pedagogia de Paulo Freire existe e resiste, ainda que muitos digam ser esta apenas uma utopia. Ela me apresentou muitas mulheres negras e seus saberes, não obstante, contribuiu para a descolonização dos saberes que tanto cito nas próximas linhas.

Há mais gente para citar. Meus supervisores dos estágios, os alunos das turmas de EJA nas quais estagiei, meus colegas da turma Perdidos na noite, professoras amadas que vibraram com a publicação dos meus livros (Alyere Farias, Socorro Cláudia, Socorro Pacífico e Amanda Braga são bons exemplos). Sei que não consegui elencar todos os meus afetos neste espaço, portanto, finalizo agradeço profundamente e afetuosamente a todos que, durante toda a minha caminhada acadêmica, me ofertaram flores ou espinhos. Talvez eles não saibam que são, mas eu sei.

“Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rastro.”

(São Josemaria Escrivá)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe analisar a representação de personagens negras na poesia social de Castro Alves e Luiz Gama, ambos considerados poetas abolicionistas; Alves aclamado como o “Poeta dos Escravos” e Luiz Gama, por sua vez, é identificado pela sua vanguarda na luta antiescravagista. A fim de identificar se os dois poetas baianos constroem as personagens negras reforçando ou negando o estereótipo do sujeito negro como subalternizados e inferiorizados, analisaremos os poemas “Lá Vai Verso”, “A cativa”, “Meus Amores”, de Gama, reunidos na obra *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (1859); e “A visão dos mortos” (1865), “Quem dá aos pobres empresta a Deus” (1867), “Gonzaga ou a Revolução das Minas” (1875), “A canção do africano” (1863), “O canto de Burg Jargal” (1883), “Bandido negro” (1884) de Alves. Para embasar as nossas análises, recorreremos a estudiosos das áreas de crítica literária, história, filosofia, pedagogia. Entre os/as pesquisadores/as, destacamos: Franciane Conceição da Silva, Luiz Felipe de Alencastro, Jean-Yve Mérim, Luís Silva (CUTI), Sueli Carneiro, Antônio Cândido, Lilia Moritz Schwarcz, Heloísa Starling. Ao concluirmos o objetivo proposto, articulamos os resultados desta análise de modo a não descredibilizar a poética social de Luiz Gama e Castro Alves, mas promover um aprofundamento nas poéticas sociais dos autores e uma descolonização dos nossos saberes que, não raras vezes, foram construídos a partir de visões brancocêntricas, carregadas de ideologias racistas e preconceituosas.

Palavras-chave: Literatura; Poesia; Luiz Gama; Castro Alves; Descolonização.

SUMÁRIO

Primeiras Palavras: A DESCOLONIZAÇÃO E SEUS FRUTOS	10
1. COMO A MAIORIA VIROU MINORIA NO BRASIL?	15
2. LUIZ GAMA: ENTRE O PERSONAGEM E O MITO, O HOMEM QUE SE CONSTRUÍU GRANDE	19
2.1 DE CRIANÇA VENDIDA À INTELLECTUAL NEGRO, DONO DE JORNAL	20
2.2 A POÉTICA DE GAMA E A ODE AOS SEUS SEMELHANTES	23
3. CASTRO ALVES: O BURGUESES BRANCO ABOLICIONISTA	30
3.1 POÉTICA SOCIAL DE CASTRO ALVES: PRODUÇÃO DE INSPIRAÇÃO INATA OU CONVENCIONADA?	32
3.2 O ABOLICIONISMO EM CASTRO ALVES: UMA PAIXÃO QUE GEROU ESTEREOTIPAÇÃO	35
4. Considerações Finais: OH, PERSONAGEM NEGRA! DIGA-ME ONDE MORAS QUE DIREI DE QUAL POETA ÉS	39
REFERÊNCIAS	42

Primeiras Palavras: A DESCOLONIZAÇÃO E SEUS FRUTOS

*...a literatura é poder,
poder de convencimento,
de alimentar o imaginário,
fonte inspiradora do pensamento e da ação.
Luís Silva (CUTI)*

Hoje é dia 09 de outubro de 2022. Este ano, em especial, traz consigo algumas conclusões de ciclos: uns particulares e outros coletivos. É ano de eleição para senadores, deputados estaduais, deputados federais, senadores, governadores e presidente. No penúltimo dia deste mês, a sociedade brasileira saberá quem governará o país por quatro anos. Pensei que a conclusão da minha licenciatura em Letras se encaixasse na categoria ciclo particular. Enganei-me. Ao escrever esta introdução, fui acometida pela epifania dos escritos de Clarice Lispector. Concluir uma licenciatura, me tornar professora, transforma-me em um ser de práticas políticas, afinal de contas, “a educação é um ato político¹.”

Falta pouco mais de um mês para a entrega e apresentação deste trabalho de conclusão de curso, entretanto, neste momento, ele começa a nascer. Poderia atribuir tal atraso ao meu TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), mas não o farei. Dias atrás, em conversa com uma grande amiga e parceira de licenciatura, ouvi uma intimação: “Você precisa escrever. Comece seguindo o esqueleto que a universidade disponibiliza e coloque suas ideias no papel”. Após nossa conversa, vi alguns dias correrem apressados sem que nenhuma *palavra falante* florescesse na minha cabeça inquieta. Neste dia 09 de outubro, elas floresceram. O tema do trabalho e todo seu conteúdo previsto fez sentido para mim, não em um sentido teórico, mas em um sentido afetivo. Tudo na minha escrita tem um porquê, exatamente por isso que sigo o lema: “Sinto, logo escrevo”. Escrevo a palavra que excede a semântica, a “*palavra falante* [...]”, portadora do ser, a que introduz o homem na existência e no ser” (ZUBEN, 2001, p.14); aquela que, “proferida, é uma atitude afetiva, eficaz e atualizadora do homem [...], a que o situa no mundo com os outros” (ZUBEN, 2001, p.15).

Inicialmente não consegui estabelecer uma relação entre minha palavra falante e este trabalho de conclusão de curso, contudo, dada a epifania citada no início deste relato, intuí que

¹ Entrevista concedida por Paulo Freire à revista Caderno de Ciências 24 em 1991.

minha produção acadêmica² há tempos discorria sobre as questões étnico-raciais, principalmente as brasileiras. Minhas produções escritas e/ou verbalizadas foram tecidas de tal maneira que vivenciei (e ainda vivencio) a descolonização dos meus saberes negros³. Portanto, para que meus escritos façam ainda mais sentido a quem me lê, narro a seguir parte dos caminhos de descolonização que percorri até aqui.

No ano de 2016, ingressei na Universidade Federal da Paraíba através do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e SiSU (Sistema de Seleção Unificada). Pela primeira vez, eu preencheria um formulário com a escolha de cotas, vagas divididas de acordo com minha realidade estudantil e outras. Havia reserva de vagas para candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas⁴. Eu não entendia muito bem como esse sistema funcionava, e nem podia entender. Apesar de ter vivenciado um declínio no padrão de vida da minha família, que me levou ao término do ensino médio em uma escola pública⁵, meus saberes e relações sociais continuaram sendo ancorados na branquitude⁶ e em todos os privilégios que a pele branca⁷ carrega em si.

Concluí o ensino médio em 2006, quando o conhecimento ainda era acessado mais em livros físicos do que em ferramentas online como e-books e videoaulas. Naquele ano, a internet, ferramenta que expande o acesso à diversos livros, matérias jornalísticas e demais escritos, conectava apenas 16.9% das residências brasileiras à rede⁸; ou seja, não era acessível a todas as classes sociais. Ouso, inclusive, atribuir parte do meu medíocre saber negro aos livros consumidos nas escolas que frequentei, pois, “a escola, com sua forma de saber

² Artigos científicos, trabalhos escritos/seminários, participação em eventos acadêmicos (congressos, simpósios...)

³ Nomeio de *saberes negros* todos os meus conhecimentos acerca das cotas para pretos, literatura negra, escritores negros e de escrita afrodescendentes e negro brasileira. Tudo que me ensinaram e que vivenciei na sociedade antes de ingressar na universidade.

⁴ Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.

⁵ Estudei em escola particular até o início do primeiro ano do ensino médio. Em face da nova realidade financeira da minha família, migrei para uma escola pública. Duas instituições no mesmo ano, findando na considerada como pior do meu bairro. Na minha época de secundarista havia uma verdadeira legião de pessoas que abominavam o ensino público e essa escola, em especial.

⁶ O conceito de branquitude é entendido neste trabalho tal como propõe Lia Vainer Schucman (2012). Segundo a autora, a branquitude se constitui quando “os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores” (p.17). Schucman nos possibilita pensar a “branquitude como parte das relações raciais, onde as desigualdades de oportunidades e de direitos da população negra estão diretamente relacionadas à vantagem e identidade racial do branco (p.17-18)

⁷ Sovick (2004) afirma que “ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso; ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro.” (Sovik, 2004 p. 366 apud Schucman, 2012, p.23).

⁸ Internet chega a 20% das casas, mas vê 'buraco negro' no Norte e Nordeste. G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL764097-6174,00.html>> Acesso em 06. nov. 22

institucionalizada, é uma das grandes determinantes de maneiras de se ver as coisas, ou de verdades” (ZAPPONE E WIELEWICKI, 2009, p.28).

Até então, carregada de preconceitos, a representação do negro no meu imaginário começou a mudar em 2017, quando participei do IV CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Considero a minha participação em um minicurso como o ponto alto do meu aprendizado naquele espaço. O minicurso intitulado *Dialogando sobre as relações étnico-raciais e o seu espaço nas escolas: em tempos de retrocessos* trazia consigo uma pergunta problematizadora: *O que é ser negro no Brasil?* Uma pergunta que eu ainda não sabia responder, mas que logo teria uma resposta estruturada na minha cabeça, a partir de outras vivências acadêmicas que estavam por vir.

Passados onze meses dessa indagação, voltei ao CONEDU, agora na sua quinta edição, com o trabalho intitulado *Educação, políticas afirmativas e processos identitários: uma leitura das tensões dessa tríade no ambiente universitário brasileiro*. Durante a elaboração do artigo citado, experienciei uma verdadeira iniciação à descolonização do meu saber⁹ branco e medíocre. Descobri o que não aprendera em toda minha caminhada estudantil, inclusive na minha vivência universitária. Essa ocultação de saberes se deu e se dá, porque, “como nos ensina Foucault (1996), as disciplinas não só possibilitam discursos como o restringem” (*apud* ZAPPONE E WIELEWICKI, 2009, p.28).

O darwinismo racial, a suposta criminalidade mestiça, a autodeclaração de raça, o próprio conceito de raça e outras informações reveladas por Lilia Schwarcz (2012) me chocaram¹⁰ me deram mais estímulo para continuar aprendendo e me descolonizando.

Em novembro de 2018, um mês após participar do V CONEDU, atravessei a fronteira da Paraíba em direção à Natal-RN, com um novo objetivo-ideal em mãos. Eu, aluna e professora em construção, participaria do IV GRIOTS (Congresso Internacional de Literaturas e Culturas Africanas, Literaturas e Direitos Humanos) com o artigo “*A representatividade da temática negra no livro didático de língua portuguesa para uso em 2019: voz alardeada ou grito*

⁹ Segundo Grada Kilomba (2016) Descolonizar o conhecimento significa criar novas configurações de conhecimento e de poder. Então, se minhas palavras parecem preocupadas demais em narrar posições e subjetividade como parte do discurso, vale a pena lembrar que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história. Para descolonizar o conhecimento, temos que entender que todos/as nós falamos de tempos e de lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas. (Palestra realizada em março de 2016 no CCSP – Centro Cultural São Paulo. Disponível em <<https://youtu.be/iLYGbXewyxs>> Acesso em 15. nov 2022)

¹⁰ Considero importante registrar um fato sintomático identificado por Francy Silva, orientadora deste trabalho, após ler este trecho. Segundo ela, minha descolonização acontece a partir do momento que tenho acesso às questões trazidas por outra mulher branca e não pelo acesso às informações ou situações reveladas por uma pessoa negra.

mudo?”. O trabalho apresentava resultados da análise da representatividade afro-brasileiras e africanas, espelhado pela literatura e imagens gráficas, de três livros didáticos do componente curricular Língua Portuguesa do 4º ano do ensino fundamental das escolas municipais e estaduais de João Pessoa. Concluída a análise dos exemplares, constatei a ocupação tímida e estereotipada do negro (por literatura e imagem) nesta ferramenta de possibilidades infinitas que é o livro didático.

Durante a apresentação oral do artigo em questão, uma ouvinte avaliadora da sala questionou uma das minhas bases bibliográficas. A pesquisadora “sugeriu” não ser válido integrar uma professora pesquisadora da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) no meu constructo, assim como também apontou meu não pertencimento à raça negra. Segundo ela, aquele não era meu “lugar de fala”, algo que atribuiria crédito ao fato de meu falar sobre os negros. Se considerarmos as relações raciais no contexto brasileiro, eu e a professora pesquisadora da UFPB, somos inquestionavelmente brancas. O episódio criou uma cortina branca em meus olhos e, por um bom tempo, recuei nos meus artigos e em qualquer produção sobre as relações étnico-raciais. O véu da cegueira se desfez pela ação de uma pessoa, da orientadora deste TCC. Em um dia de um novo período da licenciatura, entrei na sala de aula e me deparei com aquela mulher. Sua presença inicialmente silenciosa gritava aos quatro cantos algo que nunca os alunos tinham ouvido até ali. Franciane Conceição da Silva, então docente da disciplina de Estágio Supervisionado III, trazia consigo a alegria e a esperança, “a esperança de que professor e alunos juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir juntos, igualmente resistir aos obstáculos...” (FREIRE, 1996, p. 72).

Assim como para os demais discentes, ela me apresentou a pedagogia transgressora de bell hooks, a escrivência de Conceição Evaristo, a insubmissão de Cristiane Sobral, o realismo de Carolina Maria de Jesus... e nos presenteou com sua própria história de vida. História de uma mulher negra que resiste e existe como doutora, pesquisadora, professora universitária e trabalhadora social.¹¹ Ademais, Francy nos despertou para o perigo da história única, denunciado por Chimamanda Adichie, nos direcionando para o caminho da criticidade. Foi a professora Franciane que nos pegou pela mão e nos auxiliou na descolonização do nosso saber branco e eurocêntrico.

¹¹ A expressão trabalhador social provém do livro *Educação e Mudança* (2014), escrito por Paulo Freire. De acordo com o escritor, o trabalhador social é aquele que, ciente da realidade e do seu poder transformador, não pode ser neutro diante da desumanização. Suas ações devem provocar mudanças sem que as suas opções sejam impostas aos demais.

Ao passo que fui conhecendo as autoras citadas acima, recordei-me de Luiz Gama, escritor que figurou em um dos meus trabalhos na universidade. Conceição Evaristo também passara rapidamente por mim em alguma disciplina anterior ao Estágio Supervisionado III. Entristeci ao constatar que estes grandes autores não continuaram sendo apresentados a nós, discentes de uma licenciatura de Letras Português, cuja grade curricular integra mais de cinco disciplinas de literatura. A tímida contemplação de autores/autoras negras em espaços que deveriam exaltá-los, denuncia o epistemicídio sofrido por figuras como Gama e Evaristo. De acordo com Sueli Carneiro (2005)

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p.97).

Diante do exposto, por entendermos que “compreender a história e se ver dentro dela leva o indivíduo a estabelecer vínculos afetivos capazes de gerar um comprometimento no plano das ideias” (CUTI, 2010, p.84), e cientes do nosso papel social como professoras em constante formação, empreendemos um estudo sobre a representação de personagens negras na poesia de Castro Alves e Luiz Gama, especificamente a poesia social, aquela “interessada nos problemas sociais” (CÂNDIDO, 2006, p. 29). Os dois poetas baianos constroem as personagens reforçando ou negando o negro/negra como subalternizados e inferiorizados, sem alma ou beleza? Alguns estudiosos nos ajudarão a responder este questionamento; entre eles estão Sueli Carneiro, Luiz Silva¹² (Cuti), Lígia Fonseca Ferreira, Lia Vainer Schucman. Para a ambientação histórica brasileira convocamos Luiz Felipe de Alencastro, Jean-Yve Mérian, Lilia Moritz

¹² Um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos – poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta – Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, nasceu na cidade de Ourinhos, São Paulo, em 31 de outubro de 1951. [...] Militante da causa negra, Cuti é um dos fundadores e mantenedores da série Cadernos Negros, a qual dirigiu entre 1978 e 1993. É, também, um dos fundadores da ONG Quilombhoje Literatura, além de membro atuante entre os anos de 1980 e 1994. [...] Como pensador e crítico, exibe uma trajetória empenhada na preservação da memória da resistência cultural e política do povo negro brasileiro. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literaafro/autores/212-cut> O próprio CUTI nos explica o que vem a ser as caricaturas. O autor revela que “A caricatura é uma personagem plana, sem complexidade e sem profundidade. Tem por base estereótipos. Em geral, serve para levar o leitor a reafirmar seus preconceitos e para fazê-lo experimentar a sensação relativa ao cômico. Explicação consta no anexo de explicações das notas de rodapé do livro Literatura negro-brasileira.

Schwarcz, Heloísa Starling. Ademais, e não menos importante, contaremos com a pedagogia de Paulo Freire, a crítica literária de Antônio Cândido e a crítica acerca da violência dos corpos negros de Franciane Conceição da Silva, orientadora deste trabalho.

Julgamos imprescindível ao nosso propósito contextualizar o momento histórico em que viveram nossos poetas, visto que “o texto não sobrevive sem o contexto intra e extratexto” (CUTI, 2010, p.19), por isso, no primeiro capítulo, traremos considerações acerca do Segundo Reinado. No segundo capítulo apresentaremos Luiz Gama, poeta brasileiro que foi de criança vendida e escravizada à intelectual negro abolicionista, dono de jornal. Ainda no segundo capítulo teceremos a análise dos poemas “Lá Vai Verso”, “A cativa”, “Meus Amores”; produções poéticas de Gama, reunidas na obra *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (1859). O terceiro capítulo contemplará a vida de Castro Alves e alguns poemas do poeta condoreiro; sendo estes: “A visão dos mortos” (1865), “Quem dá aos pobres empresta a Deus” (1867), “Gonzaga ou a Revolução das Minas” (1875), “A canção do africano” (1863), “O canto de Burg Jargal” (1883) e “Bandido negro” (1884).

Após percorrermos, em separado, os caminhos bibliográficos e literários de Castro Alves e Luiz Gama, teceremos, no último capítulo, uma análise comparativa entre a poética social dos dois autores, considerando, principalmente a visão e representação do negro construída por eles.

1. COMO A MAIORIA VIROU MINORIA NO BRASIL

Este período histórico, que se estende desde o fim do período regencial com a decretação da maioridade de Pedro de Alcântara¹³, em 1840, até o final da monarquia com a Proclamação da República, em 1889, é emblemático para a constituição dos sujeitos, dos *ethos*, de nossos personagens. Este preâmbulo torna-se importante porque é a partir do olhar de Castro Alves e Luiz Gama sobre a sociedade estabelecida neste momento da nossa história, que suas obras literárias são forjadas e podem ser identificadas, criticadas e acareadas.

Após a abdicação de D. Pedro I em favor de seu filho Pedro Alcântara, se inicia no Brasil o Período Regencial, tendo em vista que a Constituição do Império do Brasil, de 1824, proibia Pedro II, então com 5 anos, de assumir o trono até atingir a maioridade, ou seja, 18 anos. Este é um período de muitas revoltas, disputas de poder, na busca pela unidade nacional e pelo arrefecimento das contendidas, eis que desde 1835 o Império se prepara e, em 1840 se instala “o golpe da maioridade... o teatro da pouca idade do soberano” (SCHWARCZ; STARLING, 2015,

¹³ Pedro de Alcântara passa a ser chamado de D. Pedro II após a decretação da sua maioridade e da abdicação do trono pelo seu pai, D. Pedro I.

p. 267). A partir de então, D. Pedro II se torna rei do Brasil e a imagem dele e a história do país são manipulados para produzir vontades de verdade que identificariam a monarquia como símbolo de normalidade, prosperidade, sabedoria, ciência, virtude e civilidade; e admitiriam o monarca como a encarnação do “Menino Jesus... Imperador do Divino... pequeno deus europeu, cercado por mestiços” (SCHWARCZ, 1998, p. 27). Assim, Pedro de Alcântara se torna o monarca constitucional e a partir de então se inicia uma cruzada propagandística, a partir da lógica do espetáculo, para consolidar a monarquia e o seu rei-menino. Rituais e símbolos monárquicos europeus seculares passam a dialogar com as cores e sabores nacionais, construindo um Império dos Trópicos. Segue-se o casamento do monarca por interesse e exigências públicas e, mesmo com as insatisfações do rei, a união é consumada e vêm os filhos. Enquanto na Europa as revoluções se avolumavam, monarquias sofriam baques e as repúblicas se instalavam, no Brasil ela seguia fechando os olhos para questões incômodas, como o tráfico de escravizados. Em 1850, devido às pressões externas, como da Inglaterra, e prezando pela imagem do país, extinguiu-se teoricamente o tráfico pela Lei Eusébio de Queiroz, embora o trabalho escravo continuasse sendo a força motriz da sociedade. A verba que era destinada para importar escravizados e o bom momento da agricultura cafeeira promovem um crescimento econômico e investimentos em infraestrutura que aceleram a economia e a urbanização do Brasil. Porém, enquanto a política de incentivo à imigração de mão de obra estrangeira não surtia efeito, o tráfico interno de cativos se intensifica. A corte cresce e se urbaniza sobre a égide da escravidão urbana onde as “cidades eram ilhas contadas, cercadas pelo ambiente rural, sendo a escravidão onipresente.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 278). Nesta afirmação convergem, segundo as autoras acima citadas, dois fatores cruciais que operavam contra os projetos civilizatórios do Império: a escravidão e a abandono da população rural em detrimento da corte; seriam essas as maiores máculas do Segundo Reinado, e que encaminhariam e alicerçariam a derrocada do regime monárquico e escravocrata. D. Pedro II é a personificação dessa monarquia tropical e tem sua imagem de mecenas do movimento romântico e rei cidadão, construída e solidificada. O nacionalismo romântico do século XIX, que exalta as particularidades, é o contexto em que o monarca está inserido e que, juntamente com a intenção de se perpetuar no poder, o faz perseguir o ideal de unificação territorial e de uma cultura nacional. A forma como isto é feito impacta diretamente na visão que pretendemos desvelar neste trabalho, visto que:

Procurar por homogeneidades num estado de proporções continentais e caracterizado por uma população tão heterogênea era tarefa complicada. A saída foi “esquecer” a escravidão e idealizar os indígenas, os quais, dizimados sistematicamente nas

florestas, reapareciam em romances ou pinturas oficiais ou semioficiais. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 285).

Neste empenho de unificar a nação através de uma cultura compartilhada pela maioria, cria-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e se inicia o funcionamento regular da Academia Imperial de Belas Artes, instituições que formam intelectuais e fomentam a intelectualidade literária, tornando-se redutos dos escritores e artistas românticos, que eram financiados pelo Império e por isso, ajudaram a esculpir, através da cultura, uma história ufanista e alguns dos símbolos da identidade nacional. O Imperador com isso: “não apenas formava sua corte como elegia historiadores para cuidar da memória, pintores para enaltecer a nacionalidade, literatos para criar um tipo nacional” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 285).

Neste contexto, havia a “necessidade de se fazer projeções para o futuro do Brasil, um esforço para explicar-se ao mundo como povo” CUTI (2010, p.17). O Brasil precisava voltar-se para dentro e encontrar o que havia de brasileiro em si, e os que empreendiam o rastreamento dessa singularidade mantinham um olhar seletivo, pois não interessava reconhecer a contribuição negra nesta identidade; verdadeiramente almejavam o branqueamento da nossa raça e da nossa cultura. O negro escravizado não cabia no mito nacional de fundação e as origens da nova nação iam sendo forjadas distanciadas da realidade do Brasil do século XIX, onde o negro, apesar de quantitativamente ser maioria da população, desde lá e então, foi relegado à invisibilidade. Enquanto o indígena era alçado à qualidade de símbolo nacional e era reconhecido como autêntico brasileiro, os negros eram rejeitados, desprestigiados e esquecidos.

Outra menção necessária neste movimento de contextualização é quanto à abolição e ao movimento abolicionista no Brasil, tendo em vista que a postura de Castro Alves e Luís Gama em relação a isso também pode nos ajudar a analisar os homens sociais e a literatura produzida pelos dois poetas. Não bastava dar visibilidade ao negro na literatura, era preciso carregá-lo à humanidade, reconhecer-lhes a identidade e seu lugar na história brasileira, dar-lhe liberdade e escuta da voz potente que nunca se calou. Segundo SCHWARCZ (1998, p. 15) “a corte e o paço representavam ilhas com pretensões europeias cercadas de mares tropicais, e sobretudo africanos, por todos os lados”. Esta analogia nos ajuda a visualizar a dimensão da escravidão no Brasil. Nossos portos receberam mais escravizados do que qualquer outro lugar do mundo (4,8 milhões) e no Rio de Janeiro existiu uma concentração urbana de escravizados maior do que no Império Romano. Quando as pressões internacionais começaram a exigir a abolição e a ameaçar boicotes e retaliações, o Império tenta imprimir uma “estratégia gradualista”

(ALENCASTRO, 2018)¹⁴, com leis paliativas como as do Ventre Livre e do Sexagenário, libertando com isso apenas crianças e idosos e mantendo sob o véu da escravidão os que ainda dispunham de força para trabalhar e que só se libertariam após sua morte. O abolicionismo radical, que tinha como líderes Luiz Gama e Antônio Bento, surge para defender a libertação imediata dos escravizados e sem indenizações para os proprietários de escravos. Em 13 de maio de 1888, durante a terceira viagem de D. Pedro II à Europa para tratar da saúde, a Princesa Isabel assina a abolição como um ato de atrair para si e para a monarquia os louros de algo que estava acontecendo à revelia do Império, tendo em vista que os próprios negros, ajudados por particulares, já estavam fugindo, criando organizações como os quilombos, promovendo rebeliões contínuas, comprando alforrias, gerando uma grave crise no escravismo. A princesa Isabel apenas institucionalizou o que não podia mais remediar.

Especialmente no Segundo Reinado, como já citado anteriormente, os literatos e artistas eram financiados pelo monarca mecenas. Esse entrelaçamento entre a monarquia e os poetas, no Romantismo, fazia com que a literatura, por meio das crônicas, contos e romances (MÉRIAN, 2008) passasse a construir e/ou resgatar imagens, símbolos e ideologias que ajudariam a estabelecer os discursos necessários à manutenção da hegemonia do sistema de governo monárquico. Em suma, as produções literárias “contribuíram de forma quase simultânea ao fortalecimento de certas teses e ideologias que se transformaram em mitos que ninguém ousava questionar” (MÉRIAN, 2008, p. 51). Neste contexto, o Romantismo fez do negro uma vítima do genocídio cultural, um “elemento invisível da sociedade brasileira” (MARTINS, 1996, p. 89).

A conjuntura histórica descrita acima ainda era margeada pelas teses do racismo científico e pelas virtudes do branqueamento, assim como por mitos da superioridade da raça branca e da civilização europeia, e pela teoria da seleção natural, como bem explica Jean-Yve Mérian:

Não há sobrevivência das “raças inferiores” quando confrontadas às raças superiores. A eliminação é um fruto dos determinismos cientificamente estabelecidos, novo nome dado ao destino. Assim, as teorias científicas vêm dar força aos mitos. [...] Esta ideologia da superioridade racial dos brancos, o discurso unívoco da classe dirigente exerceu uma influência duradoura no discurso oficial e no inconsciente coletivo e terminaram por transformarem-se em crença. Poder existir para um negro e um mulato, passava obrigatoriamente pelo distanciamento de tudo que dizia respeito à origem negro-africana... (MÉRIAN, 2008, p. 51 e 53).

¹⁴ Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador. BBC. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474>> Acesso em 09 set. 2018

“A imagem é o mais importante elemento de decodificação do outro” (CUTI, 2010, p. 47). Cientes da afirmação de Cuti e a partir do panorama histórico exposto até aqui, investimos nossos esforços em responder às seguintes perguntas: Como este apagamento da raça negra da identidade nacional brasileira foi combatido na produção literária de Castro Alves e Luiz Gama? E mais especificamente: De que modo Castro Alves e Luiz Gama constroem as representações das personagens negras em um período tão conflituoso?

Passado esse momento de ambientação do tema, cumpre-nos defender a importância deste trabalho que, travestido de contrapartida acadêmica, se eleva ao status de instrumento de manifesto e resistência, além de uma exaltação à poesia romântica seja ela feita por negros imbuída ou não de reconhecimento e identificação raciais. Enquanto educadoras, cidadãs¹⁵ e como apaixonadas por literatura brasileira, nos sentimos, mais do que nunca, na incumbência, na obrigação de trazer ao conhecimento público o que encontramos de mais expressivo e vultoso sobre a poesia social de Castro Alves e Luiz Gama. É imperativo também ressaltar que, em tempos em que vivenciamos um momento político de assunção ultradireitista e uma escalada de políticos racistas, a própria temática, por si só, já se estabelece como necessária e relevante. Identificar, nomear, analisar e exaltar autores e obras como as de Castro Alves e Luiz Gama é, no contexto atual, necessário, um ato revolucionário que decidimos exercer.

2. LUIZ GAMA: ENTRE O PERSONAGEM E O MITO, O HOMEM QUE SE CONSTRUIU GRANDE

[...]
*Faço versos, não sou vate,
 Digo muito disparate,
 Mas só rendo obediência
 À virtude, à inteligência:
 Eis aqui o Getulino
 Que no plectro anda mofino.*
 [...]
 Luiz Gama

¹⁵ Modo como nos constituímos pela sensibilidade e atitude diante de temáticas relacionadas aos direitos humanos.

2.1 DE CRIANÇA VENDIDA À INTELECTUAL NEGRO, DONO DE JORNAL

Tentaremos, inicialmente, abarcar o maior número de informações sobre a vida desse importante escritor e intelectual para, em seguida, analisarmos três de seus poemas sociais, refletindo a representação das personagens negras nos respectivos escritos.

A vida de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, ou o que se conhece sobre ele, em sua maior parte são ecos de uma história contada pelo próprio Luiz. Sua biografia, escrita por Lúcio de Mendonça, foi baseada em uma carta redigida por Gama e direcionada ao amigo Mendonça. Luiz Gama, segundo ele relata na carta, nasceu em Salvador no dia 21 de junho de 1830, batizado em Itaparica oito anos depois, filho de Luíza Mahin, negra, africana, suspeita de envolvimento em insurreições de escravizados. Seu pai, cujo nome ele não revela, seria um fidalgo e pertencia a uma das principais famílias da Bahia de origem portuguesa. Sua mãe foi ao Rio de Janeiro em 1837, quando ele tinha então 7 anos, e nunca voltou, ficando ele com o pai que fora rico e que o criou até os 10 anos, quando o vendeu como escravo, em 10 de novembro de 1840, para saldar dívidas de jogo. Vendido pelo pai, o pequeno Gama é enviado, escravizado, para o Rio de Janeiro no patacho¹⁶ Saraiva¹⁷ e alojado na casa de um atravessador de cativos, onde sua mulher e filhas afeiçoaram-se ao menino, cuidando dele com amor. Gama foi vendido ao contrabandista Antônio Pereira Cardoso, que negociava cativos na cidade de Lorena, num lote de mais de cem escravos indo a pé de Santos a Campinas. O menino Gama fora oferecido a muitos, escolhido por diversos compradores e repellido por todos devido à sua origem baiana, pois, os negros desta localidade eram tidos como indomáveis e revoltosos. Preterido pelos compradores, ficou na casa do comerciante de escravos, onde aprendeu a lavar, engomar, costurar além dos ofícios de copeiro e sapateiro. Contava 17 anos quando fez amizade com Antônio Rodrigues de Prado Júnior que foi morar, como hóspede, na casa do senhor Cardoso para estudar. O amigo lhe ensinou a ler e escrever, e quando Luiz completou 18 anos conseguiu “provas inquestionáveis” de sua liberdade, fugiu e foi “sentar praça”. Serviu ao exército por 6 anos, até 1854, quando chegou aos seus 24 anos, como cabo de esquadra graduado. Teve sua vida militar encerrada por ter ameaçado um oficial que o havia insultado, incorrendo em ato de insubordinação pelo qual ficou preso por 39 dias. Gama foi um jornalista excepcional, copista, escrivão e, em 1856, nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, até 1868, quando foi demitido por questões políticas, já que fazia parte do Partido Liberal e os

¹⁶ Patacho: embarcação mercante, ligeira, de dois mastros.

¹⁷ Nome da embarcação que transportou Luiz Gama da Bahia para o Rio de Janeiro.

Conservadores haviam subido ao poder. Segundo outras fontes, que não a carta, “[...] casou-se em 1869 com uma mulher negra, Claudina Fortunata Sampaio, com a qual já tinha um filho, Benedito Graco Pinto da Gama [...]” (FERREIRA, 2001, p. 306), e morreu em 1882 na cidade de São Paulo. Abolicionista, republicano, membro fundador da Loja Maçônica América, maior e mais popular da cidade de São Paulo na época, publicou a 1ª edição de seu único livro, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, em 1859. Em meados de 1860 envereda na imprensa paulistana ajudando a fundar, ao lado de Ângelo Agostini, os primeiros periódicos ilustrados da cidade, o *Diabo Coxo* (1864-1865) e *Cabrião* (1866-1867), além de figurar como proprietário e redator do semanário *O Polichinelo*.

Da faceta plural do poeta Gama, “nasce” Barrabás, Afro e Luiza, Getulino; pseudônimos que revelam “um gesto de autodeterminação, afirmação e orgulho de sua origem africana” (GOMES, 2020, p. 54). O pseudônimo Getulino, por exemplo,

deriva de “Getúlia”, território da África do Norte, correspondente a parte da atual Argélia, no passado chamada Numídia, e da Mauritânia. Essa região fora ocupada por um povo nômade, os “getulos”, durante a Antiguidade e a ocupação romana da África. Vê-se, pois, que Luiz Gama de cara posiciona-se como um “autor” de origem africana, sabendo que adentrava o círculo restrito dos letrados, privilégio exclusivo dos brancos (FERREIRA, 2010, p.39 *apud* GOMES, 2020, p.53).

Muito do que se sabe de Gama é o que o autor diz de si mesmo. Em sua maior parte, esta é a história que ele contou e quis que fosse recontada, interpretada e divulgada. Lígia Fonseca Ferreira, especialista na vida e obra de Luiz Gama, nos faz refletir sobre a carta-biografia do autor, sua intenção e sua função. Muitos são os adjetivos devotados ao poeta, jornalista e advogado. Muitos são também os admiradores do intelectual negro do século XIX, ex-escravizado, autodidata, que ousou “denunciar os paradoxos políticos, éticos e morais da sociedade imperial” (FERREIRA, 2001, p. 300).

Para tentar compreender este homem, este “grande homem”, que está para além do personagem e do mito, é preciso inspecionar a sua carta e sua história dentro do contexto em que foi escrita, evitando anacronias, enxergando-a como um texto autônomo, de gênero epistolar e com discurso autobiográfico, motivada pela solicitação de um amigo com quem Luiz Gama mantinha uma relação de afinidades políticas e intelectuais e cujo propósito era utilizar o relato de Luiz para homenageá-lo com uma biografia. Embora a missiva seja repleta de datas completas e detalhes cirúrgicos dos lugares mencionados, ela também pode ser caracterizada como cheia de lacunas e não ditos que deixam margem a especulações e recriações.

A carta foi vista como um relato exemplar, repleto de palavras. É realmente um relato exemplar, repleto de silêncios propositais. Entre o que pareceu exceder e o que pareceu estar faltando, as palavras significaram e o silêncio também. O *silenciamento* é a política do silêncio segundo Eni Orlandi. Silenciar ou pôr algo em silêncio é dinamizar processo de produção dos sentidos... os sentidos da história de Gama se proliferam onde está a palavra e onde ela se ausenta (OLIVEIRA, 2004, p. 29).

O que parece é que Luiz Gama mitificou sua vida, criando, recriando e se reinventando através de uma carta, ao mesmo tempo objetiva e evasiva. Através de uma estratégia de despistes ele promove sua imagem tornando-a talvez mais fascinante aos intelectuais abolicionistas, aos seus analistas e leitores. “O fato é que Gama soube construir uma imagem que permaneceu intrigando e atraindo novos interessados.” (OLIVEIRA, 2004, p. 25). Presumimos que, tanto Lúcio, ao solicitar o relato, quanto Luiz ao respondê-lo, tinham um objetivo que pode ser inferido considerando o contexto social e político da época da escrita carta (1880) e da publicação do artigo de Mendonça sobre Gama (1881). Aqueles tempos, entre 1880 e 1881, de divisão do partido republicano e forte resistência à emancipação dos escravos necessitava de um exemplo, um “herói”, que inspirasse os negros e seus defensores e que assombrasse os escravagistas. Enquanto Luiz Gama, na sua missiva, respeitando as características do gênero e do discurso que empreendia na literatura do testemunho, numa pseudo confissão íntima com estruturas semelhantes aos contos de encantamento, se colocou como autor/narrador modesto; Lúcio Mendonça, ao contrário dele, desobrigado da modéstia por empreender o gênero de artigo biográfico para uma publicação que circulou no *Almanaque Literário*, imprimiu um tom superlativo ao seu texto com adjetivação constante e enfática. Tudo leva a crer que o remetente sabia do uso público que o destinatário daria às informações da carta privada, o que nos leva a supor, por exemplo, que atributos comuns aos gêneros autobiográfico e epistolar tenham se amalgamado no escrito do nosso escritor. No meio da “*implosão de pluralidades*” promovida pelos elementos ambíguos e a conotatividade do texto da carta, uma impressão parece criar uma unanimidade: “Gama apossou-se de sua própria história, elegeu sentimentalmente os detalhes de sua própria imagem e findou por alimentar a imaginação de seus admiradores” (OLIVEIRA, 2004, p. 50), ou como brilhantemente descreve Lúcia Ferreira Fonseca

[...] ele soube se construir como um personagem que se transformaria no personagem de uma história produzida por um outro autor-narrador (Mendonça), ao qual caberia por muito tempo a responsabilidade enunciativa de um discurso biográfico. Personagem de si mesmo, personagem de outrem, o ex-escravo Luiz Gama, consciente de sua singularidade em seu meio e em sua época, cidadão que ao longo da vida dispensou porta-vozes e senhores de seu destino, acabou co-laborando, voluntária ou involuntariamente, para a construção de sua própria lenda que, em nome da História, muitos se encarregariam de manipular (FERREIRA, 2001, p. 314).

Outra hipótese que podemos levantar, relacionada a essa dúvida que paira sobre a história de Luiz Gama quanto a sua realidade e/ou ficcionalidade, advém do fato que ao público foi dado a conhecer primeiramente a narrativa de Mendonça, seu artigo sobre Gama, que trazia trechos do que o poeta havia escrito ao seu correspondente. A carta que inspirou o texto de Mendonça, só foi reproduzida na íntegra 50 anos depois, em maio de 1931 n’*O Estado de São Paulo*. Sabe-se que o ensaio de Lúcio gerou muitas versões, mas uma, em especial, colabora para a ideia de que Gama romanceou sua vida: a que foi impressa idêntica na *Gazeta de Notícias* com o título “Folhetim”. Duplicidade que enseja indefinição: Biografia ou Romance? Ciência ou Literatura?

Portanto, recusando a ambivalência é que a biografia de Gama pode narrar tanto a história de um sujeito real e, portanto, inserido num contexto histórico, o Brasil do segundo reinado, como a história de suas desventuras e a sua superação, emoções e ideias que pertencem por definição ao plano do indemonstrável. É esse o mecanismo que instaura Lúcio de Mendonça a partir das duas publicações, uma num *almanaque* de grande circulação, editado por José Maria Lisboa, no qual era comum apresentar a biografia de grandes vultos da vida pública e cultural de São Paulo, e outra num jornal, também de circulação considerável para a época, mas que tem a fugacidade do dia a dia, isto é, as escolhas de Mendonça habilitam as duas versões: biografia e romance folhetinesco. (MOLINA, 2018, p.148).

Embora os fatos sejam fora do comum, inimagináveis até, Molina (2018, p. 153) defere: “*parece um romance, os enredos de um personagem de ficção, mas é a biografia de um sujeito histórico*”.

Podemos afirmar, então, que a vida de Gama é *verdadeira* na medida em que é histórica. O Brasil romântico que idealizou e estetizou o índio, emprestando-lhe a voz enquanto o dizimava, é o mesmo que ignorou e silenciou o negro, deixando-o à margem da sociedade, à margem da então chamada “civilização” e consequentemente à margem da história (MOLINA, 2018, p. 158).

É a partir desta constatação que partimos para o que, na vida de Luiz Gama, será quiçá o seu maior diferencial do ex-escravizado, o que configura o divisor de águas de sua existência e que faz a sua voz ser “a única autorizada para contar a sua história” (MOLINA, 2018, p. 151): Seu letramento e sua poesia.

2.2 A POÉTICA DE GAMA E A ODE AOS SEUS SEMELHANTES

Dentre tudo que se reverbera sobre Gama, algo se repete em todos os textos: a importância de ter aprendido a ler e escrever para tudo que se seguiu de reviravolta em sua vida. Segundo Oliveira (2004), a iniciação nas letras foi um convite ao conhecimento e à libertação,

“o conhecimento das letras marcou o início de sua revolução pessoal, de sua transformação: através do conhecimento, libertou-se, empregou-se, rebelou-se, falou, escreveu” (OLIVEIRA, 2004, p. 63). Os momentos mais simbólicos da sua vida estão relacionados a este fato. Um exemplo disso é o fato de Gama conseguir provar sua liberdade. Como o advento do Registro Civil só surgirá depois da República, Gama só poderia provar que nasceu livre com a certidão de batismo, que ele dizia estar na Igreja Matriz do Sacramento em Itaparica, ou por prova testemunhal. Porém, segundo Molina, o letramento pode ter sido crucial para esta comprovação, pois, “Saber ler e contar alguma coisa são prerrogativas de liberdade, diria que são *provas* de liberdade no Brasil do Segundo Reinado em que o número de alfabetizados não atingia nem 18% em 1872” (MOLINA, 2018, p. 151). As letras de Luiz Gama são sua voz, suas armas contra a invisibilidade que é imposta a si e aos seus irmãos de cor. “A palavra proferida é uma atitude afetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros” (ZUBEN, 2001, p.15) e é com as palavras que o baiano se estabelece enquanto cidadão, intelectual, negro, poeta e embaixador do seu povo. O homem Gama, ciente do seu poder enunciativo e de seu papel no mundo, faz do poema “Lá Vai Verso”, publicado em 1859 pela Typographya Dous de Dezembro, um verdadeiro manifesto público. Por meio das estrofes, o eu lírico reivindica a visibilidade do seu eu negro ao escrever:

[...]

Quero que o mundo me encarando veja
 Hum retumbante *Orpheo*¹⁸ de carapinha,
 Que a Lyra despresando, por mesquinha,
 Ao som decanta de Marimba augusta;
 E, qual Aríon entre os Delfins,
 Os ávidos piratas embaindo —
 As ferrenhas palhetas vai brandindo,
 Com estylo que presa a Lybia adusta.

[...]

No fragmento acima constatamos que “nos versos de Luiz Gama não há o recuo da abstração [...] A identidade negra é mantida até o fim” (CUTI, 2010, p. 21). No primeiro excerto

¹⁸ Herói muito antigo, Orfeu é filho de Calíope, a mais importante das nove Musas, com o rei Eagro ou, em algumas versões do mito, com Apolo. O nome de Orfeu prende-se ao universo da música e da poesia, distinguindo-se também por ser um cantor de sublime voz. Entre seus atributos, há também o fato de ser um educador que alça os homens da barbárie à civilização.

enxergamos a afirmação da potência negra a partir do personagem masculino que reivindica a divindade negra ao se comparar com o herói Orfeu da mitologia grega. Mesmo comparado à figura grega, o eu lírico não despreza sua ancestralidade e cultura, ao passo que dispensa a lyra, instrumento de cordas presente na história grega, e escolhe a marimba, instrumento de percussão utilizado por povos africanos, para figurar o texto poético.

No poema “Lá Vai Verso” (1859), o eu lírico construído por Luiz Gama não ressignifica apenas a figura do homem negro. Ele estende sua ode à mulher negra ao fazer dela um ser detentor de conhecimento do ritmo, da sabedoria e da inspiração divina.

[...]

Oh! Musa da Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrido,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*,
Ensina-me a brandir tua *marimba*,
Inspira-me a ciência da *candimba*,
As vias me conduz d'alta grandeza.

[...]

No fragmento do poema, o enaltecimento da mulher negra é tecido, principalmente, a partir do emprego dos termos *musa* e *azeviche*. Na mitologia grega as musas são “a fonte da inspiração poética e do conhecimento¹⁹”. Elas “sopram na boca dos pastores²⁰, transferindo-lhes a sabedoria “para que eles se transformem em poetas²¹”. Comparando-as com as musas, o autor desloca as mulheres negras do cativo físico e discursivo e as eleva ao espaço sagrado, o Olimpo²². Ao empregar o vocábulo *azeviche*, acomodado logo após uma interjeição, Luiz Gama traça um comparativo entre a mulher negra e o mineral raro, belo e sagrado nomeado de azeviche. A gema azeviche é um carvão-fóssil cujas cores transitam entre o marrom muito escuro ao preto. Conforme revela Andréia Torres (2014)

O azeviche foi usado na Península Ibérica, desde tempos remotos, em joias convencionais de luto e rosários ou em objetos de carácter particular. religiosidade popular, ele constituiu uma proteção contra o mau-olhado e difundiu-se em amuletos,

¹⁹ Dicionário Etimológico da Mitologia Grega (2013).

²⁰ Calímaco, no *Aetia*.

²¹ Hesíodo, *Teogonia*, 27 apud RUFINO, 2018, p. 44.

²² Nome da montanha sobre a qual viviam os deuses, mas também de diversos heróis. (Dicionário Etimológico da Mitologia Grega (2013).

muitos deles complementados com medalhas de santos ou crucifixos. Além do significado sagrado, o azeviche foi empregue como símbolo de prestígio, constituindo uma matéria-prima mais cara que o vidro, o osso, ou as sementes... (TORRES, 2014, p. 194-195)

A identidade negra, especialmente a cultural, se revela no poema pela escolha de elementos tipicamente africanos: o *d'urucungo*, a *marimba* e a *candimba*. O *d'urucungo* e a *marimba* são instrumentos musicais africanos e a *candimba* é a ciência exclusiva dos sacerdotes do candomblé. No mesmo poema, Luiz Gama galga o eu-lírico a uma posição superior, ao passo que convoca a simbologia de Orfeu como elemento comparativo. Na mitologia grega Orfeu foi um herói que transitou nas artes, especialmente na música e na poesia. A este atribui-se uma capacidade educativa de elevar homens da barbárie à civilização. Curioso constatar que Gama não evoca o Orfeu com fenótipo grego, mas com uma carapinha, tipo de cabelo bastante crespo, uma característica fenotípica do seu povo. Como bem pontua Benevides, Silva, & Coqueiro (2019)

Ao construir imagens poéticas que equiparam personagens e símbolos da cultura grega (europeia) aos do continente africano, Luiz Gama adota a África como “sua Grécia” e, ao fazê-lo, elabora artisticamente um discurso antiescravista balizado na exaltação da raça e cultura negras. [...] ao enunciar-se como negro e exaltar a raça e a cultura, Luiz Gama se contrapõe a premissa da inferioridade biológica, cultural e cognitiva da população negra que balizavam as políticas de branqueamento. (Benevides, Silva, & Coqueiro; 2019, p. 205 e 225).

Nos poemas “*A cativa*” (1859) e “*Meus amores*” seguimos reconhecendo vestígios da revolução promovida por Luiz Gama, neste caso via produção poética social, no que refere à representação do negro em sua época. Os versos do Getulino devolvem a beleza, a emoção, a sacralidade, a alma e a humanidade aos negros e negras, construtos humanos ocultados pelos escritos de muitos poetas do século XIX, roubados pelas teorias de racismo científico e disseminados pelos editoriais de compra e venda de escravizados do século XIX.

A cativa

Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a cor,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso,
De trigueira coralina,
De Anjo a boca, os lábios breves

Cor de pálida cravina.

Em carmim rubro engastados
Tinha os dentes cristalinos;
Doce a voz, qual nunca ouviram
Dúlios bardos matutinos.

Seus ingênuos pensamentos
São de amor juras constantes;
Entre a nuvem das pestanas
Tinha dois astros brilhantes.

As madeixas crespas negras,
Sobre o seio lhe pendiam,
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam.

Tinha o colo acetinado
– Era o corpo uma pintura –
E no peito palpitante
Um sacrário de ternura.

Límpida alma – flor singela
Pelas brisas embalada,
Ao dormir d'alvas estrelas,
Ao nascer da madrugada.

Quis beijar-lhe as mãos divinas,
Afastou-mas – não consente;
A seus pés de rojo pus-me
– Tanto pode o amor ardente!

Não te afastes, lhe suplico,
És do meu peito rainha;
Não te afastes, neste peito
Tens um trono, mulatinha!...

Vi-lhe as pálpebras tremerem,
Como treme a flor louçã,

Embalando as néveas gotas
Dos orvalhos da manhã.

Qual na rama enlanguecida
Pudibunda sensitiva,
Suspirando ela murmura;
Ai, senhor, eu sou cativa!...

Deu-me as costas, foi-se embora
Qual da tarde do arrebol
Foge a sombra de uma nuvem
Ao cair da luz do sol.

Meus amores

Meus amores são lindos, cor da noite
Recamada de estrelas rutilantes;
Tão formosa creoula, ou Tétis negra,
Tem por olhos dois astros cintilantes.

Em rubentes granadas embutidas
Tem por dentes as pérolas mimosas,
Gotas de orvalho que o universo gela
Nas breves pétalas de carmínea rosa.

Os braços torneados que alucinam,
Quando os move perluxa com langor.
A boca é roxo lírio abrindo a medo,
Dos lábios se destila o pato olor.

O colo de veludo Vênus bela
Trocara pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros há luxúria
Que a filha de Cíneras não suporta.

A cabeça envolvida em núbia trunfa,
 Os seios são dois globos a saltar;
 A voz traduz lascívia que arrebatava,
 - E coisa de sentir, não de contar.

Quando a brisa veloz, por entre anáguas
 Espaneja as cambrasias escondidas,
 Deixando ver aos olhos cobiçosos
 As lisas pernas de ébano luzidas
 (...)

Meus amores são lindos, cor da noite,
 Recamada de estrelas rutilantes;
 Tão formosa creoula, ou Tétis negra,
 Tem por olhos dois astros cintilantes.

Se no poema “Lá Vai Verso” (1859) a mulher negra foi alçada à musa, em *A cativa* podemos nos encantar com uma rainha de moreno semblante, rosto mais formoso, dentes cristalinos, voz doce, “pensamento ingênuo”, “límpida alma”, corpo acetinado. N’*A cativa*, O Getulino constrói versos que vão contra o ideal branco, artifício ideológico decifrado por Franciane Conceição da Silva em sua tese de doutorado. Segundo a intelectual negra,

O ideal branco é uma das maiores violências sofridas pelo indivíduo negro. Para ele, o branco é a corporificação da ideia de domínio, beleza, poder, alegria. Em contraposição, vê a si mesmo e aos outros iguais a ele como a concretização da feiura, fracasso, tristeza (SILVA, 2018, p. 50).

Não obstante, Luiz Gama diviniza seu coração ao descrevê-lo como “um sacrário de ternura”. Na tradição católica o sacrário é o local de armazenamento e proteção das hóstias que, consagradas, são o próprio Jesus Cristo sacramentado. No trecho “A seus pés de rojo pus-me – Tanto pode o amor ardente!” (GAMA, 1859), o autor faz do eu-lírico o adorador da cativa-rainha ao passo que este arrasta-se, ajoelha-se, assim como fazem os católicos aos pés do sacrário.

Ainda criança, Gama experimentou a rejeição dos seus prováveis compradores por ser negro e baiano, decerto por isso tenha delineado sua *cativa* com o pensamento ingênuo, voltado para o amor; e de límpida alma.

[...]

Seus ingênuos pensamentos
São de amor juras constantes;
Entre a nuvem das pestanas
Tinha dois astros brilhantes.

[...]

Límpida alma – flor singela
Pelas brisas embalada,
Ao dormir d'alvas estrelas,
Ao nascer da madrugada.

Não raro, seja na literatura ou nas artes plásticas, “os corpos das mulheres negras são encenados de maneira objetificada” (SILVA, 2018, p. 101), “sempre desfrutáveis, segundo tal ponto de vista, aos olhos e às fantasias sexuais do homem branco” (DUARTE, 2010, p. 25 *apud* SILVA, 2018 p. 101), prática discursiva não disseminada por Gama. Interessante perceber que o poeta elege adjetivos positivos para descrever personagens negras na sua poética social, adjetivos que vão na contramão das descrições de aparência física dos escravizados registradas nos anúncios²³ de jornais do seu tempo. No jornal *Correio Paulistano*²⁴, por exemplo, os leitores apreendiam os escravizados como desdentados ou de dentes apodrecidos, de pernas finas, com ferida nas canelas, “beijudo”, e até cochos.

Não podemos finalizar a análise deste poema sem considerar um fato verificado nas duas últimas estrofes. Luiz Gama foi um poeta que, inquestionavelmente, concentrou seus esforços em enaltecer os negros por meios de suas produções poéticas sociais, contudo, este não se alheou ao fato de viver em uma sociedade escravocrata. Gama constrói o poema *A cativa* e o finaliza com a fala da amada que diz: “Ai, senhor, eu sou cativa!”. Por meio da voz lírica, ele nos lembra do contexto histórico escravista da época, mas opta por não o enfatizar, o que torna a privação de liberdade da personagem uma informação coadjuvante, que em nada empobrece a ode do eu-lírico à mulher negra em todo o poema.

3. CASTRO ALVES: O BURGUEÊS BRANCO ABOLICIONISTA

*“Eu sinto em mim o borbulhar do gênio. Vejo além um futuro radiante: Avante! —
brada-me o talento n'alma.”*
Castro Alves

²³ Os negros escravizados figuravam os jornais em anúncios que os procuravam após uma fuga, os vendiam e até os alugavam aos que demonstrassem interesse.

²⁴ Os repugnantes anúncios de escravos em jornais do Século 19. Disponível em <<https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>> Acesso em 23 nov 2022.

Antônio Frederico Castro Alves, também conhecido como Castro Alves, nasceu na Bahia, no povoado de Currálinho. Nascido em 14 de março de 1847, o poeta de vida breve e intensa, morreu em 06 de julho de 1871, na cidade de Salvador, em decorrência de uma tuberculose que lhe rendeu anos de sofrimento. Órfão de mãe aos 12 anos, Castro Alves se muda com seu pai e família para a capital baiana onde descobre o florescer da sua poesia após estudar no Colégio Abílio César Borges. Ele poderia ter se tornado um jurista ou médico, espelhando-se no pai que exercia a função da medicina, entretanto, descobriu-se um poeta, homem apaixonado pelas letras. Em vista dos estudos das leis, Castro Alves se muda para Recife em 1862 e inicia a preparação para ingressar na universidade. Após duas reprovações, o baiano se torna aluno de Direito e até estuda alguns períodos, entretanto, não conclui a graduação. O baiano se demonstrava precoce. Antes mesmo de fundar a Sociedade Abolicionista, e o jornal de ideias *A Luz* com Rui Barbosa, em 1866, Castro Alves já havia publicado seus primeiros versos contrários à escravidão. *A Canção do Africano* foi impressa no primeiro número do jornal acadêmico *A Primavera*, em 1863. Como tinha em si o espírito condoreiro, o poeta não se contentava em apenas escrever os poemas abolicionistas, deixá-los registrados em papel, ele se via na quase obrigação de lançar-lhes ao mundo através da oralidade. A prática se dava nos comícios ou de improviso em qualquer espaço, seja ele público ou privado. Com sua produção poética abolicionista Castro Alves:

convoca a sociedade para lutar contra a desigualdade instituída, pelos valores humanísticos de liberdade e igualdade, chamando a atenção para a cultura do país, o que o diferenciou dos demais literatos de seu tempo. Integrou e fortaleceu o contra-imaginário abolicionista e, no afã de propagá-lo, criou um jornal, participou de atividades em grêmios estudantis, declamava suas poesias em saraus, em festas na faculdade de Direito, além de divulgá-las na Imprensa. Desse modo, ele disseminava a campanha abolicionista, trilhando um caminho subversivo aos interesses do Império (COSTA, 2006, p. 191).

Em tempos de estudos, na meninice e na juventude, conhece alguns daqueles que viriam a ser grandes nomes de brasileiros, a exemplo de Rui Barbosa e Tobias Barreto. Tão importante quanto os homens citados foi Eugênia Câmara, atriz portuguesa que influenciou a vida e a obra de Castro Alves. Eugênia, paixão de Alves, se torna intérprete do drama *Gonzaga*, escrito pelo amado. O espírito entusiasta e genial de Castro Alves se abate após o rompimento com Eugênia. Em meio à melancolia amorosa, o poeta sofre um tiro acidental no pé que o leva à amputação do membro em 1869. Sua nova condição física, associada à tuberculose que se acentuava, o faz regressar à Bahia onde acaba por falecer em 1871, com apenas 24 anos. Em meio à sua reclusão

para recuperação física, Castro Alves escreve o livro *Espumas Flutuantes*, única obra publicada em vida, que fora escrita ainda em 1870.

Antes de ser um poeta dito abolicionista, Castro Alves era um líder pessoal isolado. Letícia Malard²⁵ cita que a tradição de ser chamado como poeta dos escravos advém primeiramente do seu lado pessoal. Antes mesmo de ser poeta, Castro Alves já hasteava a bandeira abolicionista. Segundo Malard (1997) ele vai ser uma espécie de modelo de homem a ser seguido naquela época, um arquétipo de poeta brasileiro do século XIX.

3.1 POÉTICA SOCIAL DE CASTRO ALVES: PRODUÇÃO DE INSPIRAÇÃO INATA OU CONVENCIONADA?

Saindo do cenário biográfico do poeta e enveredando na pesquisa sobre sua produção literária, somos assaltadas por algumas surpresas. Essas estranhezas que se abateram sobre os caminhos iniciais da nossa pesquisa são, em grande parte, resultado de um olhar questionador inerente ao que nos prestamos como pesquisadoras. Enquanto parte de nós esperava encontrar o Castro Alves que nos foi apresentado ao longo da vida estudantil – o abolicionista autor do poema “O Navio Negreiro”, outra parte tentava manter-se aberta e alerta para a possibilidade de depararmo-nos com um poeta outro, ou outras faces do mesmo escritor que poderiam ter sido menos pesquisadas e aprofundadas por instituições de ensino e seus currículos. Nossa desconfiança investigativa estava certa. Havia e há um Castro Alves de vasta poesia social, entretanto, “descobrimos” uma poesia que não versa apenas sobre os negros.

Os acontecimentos políticos e/ou sociais do intervalo temporal entre o nascimento (1847) e a morte (1871) de Castro Alves revelam muito sobre sua produção literária, podendo vários de seus escritos serem justificados pelos eventos que margearam sua vida. A Guerra do Paraguai é um exemplo de episódio histórico narrado pelo baiano. No livro *Espumas Flutuantes*, de 1870, encontramos o poema abaixo, obra escrita neste contexto.

Quem dá aos pobres, empresta a Deus.

²⁵ A professora e ensaísta Letícia Malard concede entrevista ao programa Vereda Literária em 10 de abril de 1997. Na ocasião ela faz uma análise sobre o poeta Castro Alves e o analisa como um homem que luta e declama as causas do povo antes mesmo de ser rotulado socialmente como tal.

[...]

Duas grandezas neste instante cruzam-se!
 Duas realezas hoje aqui se abraçam!...
 Uma—é um livro laureado em luzes...
 Outra— uma espada, onde os lauréis se enlaçam.
 Nem cora o livro de ombrear coto sabre...
 Nem cora o sabre de chamá-lo irmão...
 Quando em loureiros se biparte o gládio
 Do vasto pampa no funéreo chão.

E foram grandes teus heróis, ó pátria,
 —Mulher fecunda, que não cria escravos —,
 Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos:
 "Parti — soldados, mas voltei-me — bravos!
 E qual Moema desgrenhada, altiva,
 Eis tua prole, que se arroja então,
 De um mar de glórias apartando as vagas
 Do vasto pampa no funéreo chão.

[...]

Durante o embate os poetas também eram força de guerra, só que com uma configuração diferente. “Os escritores, identificados como os destinos da nacionalidade, desempenham um papel relevante na conscientização e mobilização popular” (MACHADO, 2001). Muitos se alistaram, mas poucos foram aceitos nas frentes de batalha. Castro Alves foi um dos combatentes que atuaram apenas na frente poética. Segundo Machado:

Poemas impressos e recitados, crônicas e peças teatrais são decisivos na difusão simpática da ideia dos voluntários, apresentados como personalidades fortes, resolutas, ávidas de executar uma das mais nobres missões do homem: a defesa da pátria (MACHADO, 2001).

A poética social de Castro Alves não se resumia à conscientização e mobilização popular em detrimento de um acontecimento. Havia uma “intenção política” nos seus escritos. Uma publicação da Fundação Ulysses Guimarães endossa nossa afirmação. Em 2011 a Fundação lançou a coletânea *O Pensamento Político Brasileiro*, no qual enaltece quinze personalidades que contribuíram para a composição do cenário político de sua época. Entre os

quinze está Castro Alves, poeta que, segundo Eliseu Padilha²⁶

conseguiu fazer política por meio da poesia. Poetizou a política quando disse em Povo ao Poder “a praça, a praça é do povo, como o céu é do condor”. Façamos como Castro Alves e vamos mostrar que a política pode ser poética. (...) Jamais outro poeta ou escritor brasileiro esteve tão presente na vida social e política do Brasil, apesar de ter desaparecido, aos 24 anos de idade (PADILHA, 2012).

Partilhamos da análise de Padilha quando afirma que Castro Alves criara raízes na vida social e política do Brasil através de sua produção poética, cujas sementes foram plantadas antes dos seus dezoito anos. Em 1865, com apenas 17 anos, o então estudante de Direito envolveu-se num comício republicano ligado aos ideais da Revolução Praieira, movimento ocorrido entre 1848 e 1850, primeiros anos de sua vida. O comício aconteceu na Faculdade de Direito de Recife. Na ocasião, o poema “O Século” (1865), escrito de cunho reivindicatório em favor da liberdade da palavra e da imprensa, fora declamado aos presentes. Ainda no ano de 1865, Castro Alves escreve “A Visão dos Mortos”, poema cujos versos trazem figuras conhecidas no cenário social e político do Brasil.

A visão dos mortos

[...]

Do solo adusto do africano Saara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fora o Tasso.
Do sul, do norte... do oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

[...]

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrelas.
E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão:

²⁶ Castro Alves: a política em poesia. O pensamento político brasileiro. Disponível em <<https://fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1397141645-castro-alves-miolo.pdf>> Acesso em 08 set. 2018

O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

Ao escrever o poema “A Visão dos Mortos”, em 1865, Castro Alves resgata duas figuras brasileiras tidas como importantes em revoltas, insurreições e movimentos populares e os insere nas suas estrofes, Tiradentes e Pedro Ivo. A produção poética, fincada no solo político e social brasileiro, se dá, também, quando o autor lança mão da memória de personagens político-históricos, mesmo que estes façam apenas parte da história brasileira e nada poderiam ser atuais na sua jornada de defesa social. Este é o caso de Tiradentes e Pedro Ivo. O inconfidente mineiro figurou a inconfidência mineira em 1792, 55 anos antes do nascimento de Castro Alves, já Pedro Ivo, liderou a Revolução Praieira entre 1848 e 1850. A peça teatral *Gonzaga ou A Revolução das Minas* é mais uma prova deste movimento diacrônico na poética de Alves. Publicado em 1875, o drama histórico brasileiro, como descrito na contracapa da publicação, retoma o heroísmo de Tiradentes ao incluir não apenas o seu nome no texto, mas ao torná-lo personagem do espetáculo. Eliseu Padilha (2012) chega a aclamar Castro Alves como o mais verdadeiro dos inconfidentes por ter escrito os versos de “Gonzaga”

Gonzaga ou a Revolução das Minas

[...]

Eil-o, o gigante da praça,
O Christo da multidão,
E' Tiradentes quem passa,
Deixem passar o Titão.
Subio.. • um raio o fulmina,
Mas tombou na guilhotina,
IS'esse throno do senhor,
Foi como a aguia fulminada
Pela garra pendurada,
Como um troplieu do Thabor

[...]

3.2 O ABOLICIONISMO EM CASTRO ALVES: UMA PAIXÃO QUE GEROU ESTEREOTIPAÇÃO

O cunho abolicionista é, inegavelmente, o grande estandarte do baiano Castro Alves, mas, como veremos adiante, ele se envolveu em contextos políticos relevantes e produziu sobre

eles. No entanto, na sua produção poética abolicionista esbarramos em recursos retóricos de grandes efeitos que mais parecem desvio à coisificação nas imagens do negro (negro nobre, negro vítima) (FONSECA, 2018).

Durante o processo de pesquisa estivemos diante de estudiosos conceituados e de suas afirmações teóricas sobre Castro Alves. Por exemplo, Letícia Malard²⁷ nos revela um homem abolicionista de berço, como se na sua essência humana pulsasse a força pela luta libertária independente de contextos sociais, por outro lado, Marta de Senna nos dá pistas de que o “poeta dos escravos” pode apenas ter se encaixado nas demandas de sua época. Em face das pontuações, Castro Alves seria um poeta de produção literária – de cunho social - com inspiração inata ou convencionada? Castro Alves foi “o paladino da liberdade em que a posteridade o transformou, com respaldo na sua contemporaneidade, que o projetou assim, com respaldo talvez na imagem que o poeta tinha de si mesmo” (SENNA, 1998, p.223). Tão relevante quanto a análise de Senna é a visão de Edison Carneiro sobre a poesia social do poeta:

Ademais, aquilo que se destacou como poeta “social”, que foi a poesia abolicionista, é na verdade a poesia de um homem burguês, chocado com os “aspectos por assim dizer acidentais da escravidão, – (...) sem que o Poeta chegasse a compreender as consequências *sociais* do regime escravagista. (...) Lutando contra a escravidão, o Poeta lutava ainda – (...) pelo domínio social da burguesia, que precisava de trabalhador assalariado para se manter (SENNA, 1998 *apud* CARNEIRO, p. 65 e 67).

Embora estivesse na linha de frente é importante considerar que os versos do poeta disseminavam a visão de que o negro carregava uma submissão natural. Supomos que esta não tenha sido uma ação proposital do autor, contudo, consideramos que “quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos” (CUTI, 2010, p. 24) e os imprime em seus versos. A afirmação de inferioridade dos negros contida em textos poéticos endossa o discurso literário que já circulava na sociedade escravocrata do Segundo Reinado. Durante nossa análise, constatamos que Castro Alves representa o negro como vítima (PROENÇA FILHO, 1994 *apud* ALVES, 2015, p. 8), sem protagonismo, numa posição de subalternização, conforme aferimos no poema “A canção do africano”:

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,

²⁷ A professora e ensaísta Letícia Malard concede entrevista ao programa Vereda Literária em 10 de abril de 1997. Na ocasião ela faz uma análise sobre o poeta Castro Alves e o analisa como um homem que luta e declama as causas do povo antes mesmo de ser rotulado socialmente como tal.

Entoa o escravo o seu canto,
 E ao cantar correm-lhe em pranto
 Saudades do seu torrão ...

[...]

O escravo então foi deitar-se,
 Pois tinha de levantar-se
 Bem antes do sol nascer,
 E se tardasse, coitado,
 Teria de ser surrado,
 Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
 Deita seu filho, calada,
 E põe-se triste a beijá-lo,
 Talvez temendo que o dono
 Não viesse, em meio do sono,
 De seus braços arrancá-lo!

[...]

Talvez por ser um discípulo de Victor Hugo²⁸, Castro Alves tenha carregado para seus escritos abolicionistas a figura do “bom selvagem” que é encontrado numa das histórias do escritor francês *Bug-Jargal* (1819). Tal era a ligação de Alves com a escrita de Victor Hugo, que o brasileiro escreveu um poema-tradução intitulado *O canto de Bug Jargal* (1883).

Por que foges de mim? Por que, Maria?
 E gelas-te de medo, se me escutas?
 Ah! sou bem formidável na verdade,
 Sei ter amor, ter dores e ter cantos!

²⁸ Victor Hugo foi escritor e político, sendo considerado um dos principais nomes do romantismo francês e mundial. [...] Victor Hugo foi escritor e político, sendo considerado um dos principais nomes do romantismo francês e mundial. nasceu em 26 de fevereiro de 1802, em Besançon (França) [...] Ainda jovem tornou-se escritor aos 15 anos. [...] Chegou a cursar a Faculdade de Direito de Paris. Publicava com frequência textos em diversos periódicos.[...] Desde os anos 1830 seus textos são publicados, traduzidos e discutidos no seio das elites intelectuais. [...] Encontramos estes impulsos poéticos e este fôlego épico nos românticos, principalmente nos que se agruparam em torno do Condoreirismo, movimento cujo símbolo é o condor, pássaro majestoso que voa alto e vê longe. Estes autores aderem à visão hugoliana da História, a sua mística do Povo e sobretudo ao papel messiânico do Poeta, porta-voz e mesmo guia da Nação rumo ao Progresso, à Justiça e à Liberdade. Na metade do século, a influência de Victor Hugo é onipresente na literatura: epígrafes, citações, traduções. [...] O mais emblemático destes turbulários é Castro Alves, cantor ardente da liberdade, a quem se acusou de ser mais “hugólatra” que brasileiro, às vezes no limite do plágio (cf. suas Palavras de um conservador).

[...]

Oh! treme, branca filha de Espanhola,
 Treme, breve talvez tenhas em torno
 O uragã e o deserto. Então, Maria,
 Lamentarás o amor que hoje pudera
 Te conduzir a mim, bem como o kata
 — Da salvação o pássaro ditoso —
 Através das areias africanas
 Guia o viajante lânguido à cisterna.
 E por que enjeitas meu amor?
 Escuta: Eu sou rei, minha fronte se levanta
 Sobre as fronteiras de todos.
 Ó Maria, Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
 O dia unir-se à noite feia, escura,
 Para criar as tardes e as auroras,
 Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!

O poema-tradução assevera o discurso da posição superior do branco e inferior do negro. No poema de Alves o personagem negro assemelha-se à um animal feroz que, simplesmente por existir, impõe medo a quem lhe vê. Mesmo que o negro-personagem tente convencer sua amada de não só vê-lo, mas repará-lo²⁹; a mulher expressa seu medo em relação à ele através de tremores e gélida pele. Ao dizer “sou bem formidável na verdade, sei ter amor, ter dores e ter cantos!” (ALVES, 1883) o eu-lírico evoca sua humanidade ao mencionar dois sentimentos inerentes ao ser humano: o amor e a dor.

Essa animalização do homem, precisamente do sujeito negro, não é um processo imaginário ou característico de uma localidade ou tempo histórico isolado. A desumanização do negro já estava presente na Antiguidade e era asseverada pelo Direito Civil. Conforme afirma Lévi-Bruhl (1934, p. 16-17 apud VASCONCELOS, 2012), “em Roma, como em outros lugares, o escravo é um ser privado de direito. Do ponto de vista jurídico, é uma coisa ou, se prefere, um animal”. Como “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p. 13), o negro subalternizado foi sendo perpetuado nas sociedades em todos os âmbitos. O fato se repete, porque, embora objetivem alardear o sofrimento dos escravizados e a injustiça para com estes

²⁹ A expressão “não só vê-lo, mas repará-lo” faz referência a um trecho escrito pelo escritor José Saramago no livro *Ensaio sobre a cegueira* (1995). No excerto do livro lê-se: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

seres humanos, muitos poetas o faziam a partir da sua condição de branco, no caso de Castro Alves, na condição de burguês branco. Essa condição refletiu na sua poética, mais precisamente no poema “Bandido negro”:

Trema a terra de susto aterrada...
 Minha égua veloz, desgrenhada,
 Negra, escura nas lapas voou.
 Trema o céu ... ó ruína! ó desgraça!
 Porque o negro bandido é quem passa,
 Porque o negro bandido bradou:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
 Cai, orvalho, na face do algoz.
 Cresce, cresce, seara vermelha,
 Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
 Somos negros... o raio fermenta
 Nesses peitos cobertos de horror.
 Lança o grito da livre coorte,
 Lança, ó vento, pampeiro de morte,
 Este guante de ferro ao senhor.

[...]

Eia! ó raça que nunca te assombras!
 Pra o guerreiro uma tenda de sombras
 Arma a noite na vasta amplidão.
 Sus! pulula dos quatro horizontes,
 Sai da vasta cratera dos montes,
 Onde salta o condor, o vulcão.

De acordo com Oliveira (2021), “Castro Alves encena, na maior parte de seus poemas, poucas formas de reação por parte do escravo”, entretanto, em “Bandido Negro”, os negros abandonam a face melancólica, subserviente, vitimista dos outros poemas do poeta e passam a executar o ato mais temido pelos brancos: a vingança dos escravizados. Algumas palavras, juntas, constroem uma trama semântica cujo resultado é o reforço do discurso escravista do século XIX, onde o negro é considerado vingativo, ardiloso, pervertido.

4. Considerações Finais - OH, PERSONAGEM NEGRA! DIGA-ME ONDE MORAS QUE DIREI DE QUAL POETA ÉS

Após percorrermos, em separado, os caminhos biográficos, bibliográficos e literários de Castro Alves e Luiz Gama, acreditamos que seja didaticamente oportuno relacionar as poesias sociais destes autores. Identificar diferenças entre os poetas não altera seu brilhantismo, não desqualifica a obra de Castro Alves, nem exalta a de Luís Gama. Neste trabalho empreendemos apenas uma singularização honesta e inevitável dos poetas e suas produções sociais, pois precisamos recuperar, reaver o espaço que foi negado aos negros na história cultural e literária oficial brasileira. Tecemos essa recuperação cientes de que

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes as relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que as sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem (CUTI, 2010, p. 32).

Se o diferencial a ser analisado passa a ser a questão da representação do negro na poesia social dos baianos, percebemos uma diferença orgânica entre Alves e Gama. Ambos considerados abolicionistas; Castro Alves é conhecido como o “Poeta dos Escravos” e Luiz Gama, por sua vez, é identificado pela sua vanguarda na luta antiescravagista, contudo, refletem isso de forma distinta em sua poética. Enquanto Gama delinea os negros a partir de imagens poéticas, subvertendo o discurso escravista e elevando-os ao Olimpo, Alves traça a imagem negra pela ótica da reificação, vitimização, subalternização. Cuti tece uma análise importante acerca da relação negro e literatura brasileira:

“Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção dos autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas³⁰” (CUTI, 2010, p. 88)

Não encontramos, em nenhum dos poemas analisados de Luiz Gama, as caricaturas descritas por Cuti. O negro de Gama “Não tinha de neve a cor, mas no moreno semblante, brilhavam raios de amor [...] Tinha o corpo acetinado - era o corpo uma pintura - e no peito palpitante um sacrário de ternura” (A cativa, 1859). Não podemos dizer o mesmo do negro de Alves. Este poeta não salvaguarda seus personagens negros da posição inferior em comparação ao branco. O negro de Castro Alves “tinha de levantar-se bem antes do sol nascer, e se tardasse, coitado, teria de ser surrado, pois bastava escravo ser” (A canção do africano).

Apesar de Gama ser um autor negro com vasta produção de sátira social, sátira política, sátira de costumes, poemas românticos..., de “ser o primeiro poeta de cor a cantar seu amor por

³⁰ O próprio CUTI nos explica o que vem a ser as caricaturas. O autor revela que “A caricatura é uma personagem plana, sem complexidade e sem profundidade. Tem por base estereótipos. Em geral, serve para levar o leitor a reafirmar seus preconceitos e para fazê-lo experimentar a sensação relativa ao cômico. Explicação consta no anexo de explicações das notas de rodapé do livro Literatura negro-brasileira.

uma mulher de sua própria cepa e a rejeitar o amor de branca” (SAYERS, 1958, p. 199 apud CUTI, 2010, p. 63), o filho autodidata advogado de Luisa Mahin “entra nas páginas da historiografia literária brasileira dissolvido e em segundo plano” (MOURA DE QUADROS, MOUSQUER, 2019, p. 336), quando reconhecido poeta abolicionista. De maneira geral Luiz Gama e Castro Alves lutavam em favor da abolição da escravidão, contudo, o faziam de pertencas e lugares físicos diferentes.

Luiz Gama está entre os poucos intelectuais negros que ousaram criticar e/ou questionar as condutas que apoiava as teses de superioridade branca e europeia. “A suposta verdade científica, que se tornou ideologia.” (MÉRIAN, 2008, p. 53). Ele antecipou-se ao modernismo no processo de restituição da essência do colonizado, passando pela desalienação, “[...] o poeta baiano demonstra completo desacordo com a escola literária então vigente (o Ultrarromantismo plangente) e representa uma opção pelo tratamento da realidade brasileira” (MARTINS, 1996, p.92).

Gama se constituiu grande pela sua vida e obra, contudo, a grandiosidade da sua existência está longe de ser acessada por grandes públicos. Lígia Ferreira (2014) nos dá pistas dessa tímida exposição que atravessa séculos:

Luiz Gama sofreu o que eu chamo [...] de uma falta de fortuna crítica, ele teve infortúnios críticos; então ele foi muito mal julgado. Talvez, assim, pesasse sobre ele o preconceito que ele também denuncia [...], também pesou sobre ele essa história de um ex-escravo, não frequentou escolas... Então talvez ele tenha sido lido de uma forma um pouco atravessada, o que talvez o deixou de lado, marginalizou sua obra; e a importância da obra dele na história da literatura brasileira [...] Contrariamente ao que se pensa, Luiz Gama precisa estar em um outro lugar na história da nossa literatura... (FERREIRA, 2014, Literatura Fundamental 62 - Luiz Gama - UNIVESP)

Este infortúnio é corroborado por CUTI (2010):

Escritores negros sempre tiveram de contar, como qualquer outro artista, com a recepção branca. Ora, se o escritor conhece a concepção de raça que predomina na sociedade (no Brasil, a ideia de que não há discriminação racial, ou quando muito apenas um “racismo cordial”), procurará não ferir a expectativa literária para não comprometer o sucesso de seu trabalho. Assim, são aspectos lúdicos das formas culturais que procurará empregar para dar um colorido negro-brasileiro a seu trabalho, ou então um prosseguimento à exploração das mazelas para provocar a comiseração do leitor. As questões atinentes à discriminação racial tenderão a ficar subjacentes ao texto, pois podem ser o “tendão de Aquiles” da aceitabilidade da obra e prejudicar o sucesso almejado (CUTI, 2010, p. 27).

Percebemos que, coincidentemente ou não, o poeta burguês branco viveu numa constante migração que sempre o levava aos lugares de efervescência política e social a exemplo de Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Supomos, inclusive, que suas transferências podem ter tido cunho político visto que, em 1867, ano da sua transferência para São Paulo, os alunos do local estavam diretamente ligados às bandeiras levantadas por José Bonifácio, um

importante abolicionista da época. Não obstante, construiu relações fraternas e políticas com homens influentes, a exemplo de Rui Barbosa, que viria a ser parceiro na fundação da Sociedade Abolicionista e jornal *A Luz*; escreveu sobre a Guerra do Paraguai, resgatou a figura inconfidente de Tiradentes em *Gonzaga ou A Revolução das Minas...* Embora defendesse ideais antiescravagista, entendemos que Alves convenientemente construiu-se um suposto abolicionista. Este surfava na crista da onda, sendo assim um grande oportunista. Sobre Luiz Gama, este sim “traça um lugar diferenciado de emanção do discurso, demarca um ponto de subjetividade não apenas individual, mas coletivo” (CUTI, 2010, p. 63). Mesmo Castro Alves sendo um grande autor “são os versos de Luiz Gama que configuram um “eu” lírico negro” (CUTI, 2010, p. 63), construindo sujeitos poéticos carregado de humanidades e subjetividades.

REFERÊNCIAS

Aparecida, Sueli CARNEIRO. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. (Tese de doutorado). Disponível em

<<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>> Acesso em 06. nov 2022.

ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. in *Poesias Completas*. São Paulo: Ediouro, s.d. (Prestígio).

_____, Castro. *Gonzaga ou a Revolução das Minas: drama histórico brasileiro*. Rio de Janeiro. 1875. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4918/1/000435_COMPLETO.pdf> Acesso em 19 ago. 2018.

Castro Alves: a política em poesia / Organizado por: Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2012. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.2). Disponível em <<https://fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1397141645-castro-alves-miolo.pdf>> Acesso em 25 ago. 2018.

ALVES, Vitor Rafael Oliveira. *Navios Negreiros: Solano Trindade, Castro Alves e o Jogo da Representação*. Revista Inventário. Salvador, n. 16, jan-jul. 2015 - www.inventario.ufba.br. ISSN 1679-1347. Disponível em <<http://www.inventario.ufba.br/16/11%20navios%20negreiros.pdf>> Acesso em 28 nov 2022.

Benevides, J. L. G., Silva, S. A., & Coqueiro, W. dos S. (2019). O Orfeu de carapinha rendido à musa de Guiné: a burlesca poética de Luiz Gama e o ideário de branqueamento racial no império do Brasil. *Literatura E Sociedade*, 24(29), 204-226. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i29p204-226>

BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012.

Buber, Martin, 1878 - 1965 *Eu e tu* / Martin Buber Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben São Paulo: Centauro, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Edison. **Castro Alves**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

COSTA, Cléria Botelho da. Justiça e abolicionismo na poesia de Castro Alves. Projeto História, São Paulo, n.33, p. 179-194, dez. 2006. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2290/1384>> Acesso em 30 nov 2022.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010 (Coleção Consciência em Debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito). 151 p.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça. Teresa. Revista de Literatura Brasileira da USP, n. 8/9, São Paulo, p. 300-321, 2001. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/28-critica-de-autores-masculinos/653-luiz-gama-por-luiz-gama-carta-a-lucio-de-mendonca-ligia-fonseca-ferreira>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GAMA, Luiz. 1830-1882. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. São Paulo: Typographia Dous de Dezembro de Antonio Louzada Antunes. 1. ed. 128p

GOMES, Cinthia Maria do Carmo. "**O que era preto se tornou vermelho**": representação, identidade e autoria negra na imprensa do século XIX por Luiz Gama. 2020. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.27.2021.tde-23082021-124606. Acesso em: 2022-11-03.

MARTINS, Heitor. Luiz Gama e a consciência negra na literatura. Afro-Ásia. Salvador, 1996.

MÉRIAN, Jean-Yves. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. Navegações, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar.2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28585/1/Jean_Yves_Merian.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

MOLINA, Diego A. Luiz Gama. A vida como prova inconcussa da história. Estudos avançados, v. 32, n. 92, p. 147-165, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v32n92/0103-4014-ea-32-92-0147.pdf>>. Acesso em: 11 set.2018.

MOURA DE QUADROS, D.; MOUSQUER, A. C. O lugar dos poetas negros Luis Gama, Cruz e Souza, Lino Guedes e Solano Trindade nas páginas da história da literatura brasileira: um olhar por três histórias da poesia brasileira. Muitas Vozes, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 328–342, 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/11738>. Acesso em: 30 nov. 2022.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de (2007) A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte/MG, Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Silvio Roberto dos Santos. Gamacopéia: ficções sobre o poeta Luiz Gama. 2004. 255f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2004.

Proença Filho, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos Avançados [online]. 2004, v. 18, n. 50 [Acessado 28 Novembro 2022] , pp. 161-193. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>>. Epub 08 Ago 2008. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>.

RUFINO, Eduardo de Almeida. As origens gregas do direito ocidental / Eduardo de Almeida Rufino, Emmanoel de Almeida Rufino. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. 147 p.

SENNA, Marta. A poética romântica de Castro Alves. Scripta, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 222-237, mar. 1998. ISSN 2358-3428. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10201>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

SILVA, Franciane Conceição da. **Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras**. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat06909a&AN=sib.514867&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Acesso em: 2022-11-06.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em: <<http://politicaedireito.org.br/wp-content/uploads/2017/02/As-Barbas-do-Imperador-Lilia-Moritz-Schwarcz-1.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

_____, Lilia Moritz. Brasil: uma biografia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 152 p.

TORRES, A. M. AS CONTAS A BORDO DA FRAGATA STO. ANTÔNIO DE TANÁ (1697) UM EXEMPLO DE INTERCÂMBIOS NUM MUNDO GLOBAL - doi: 10.5216/hr.v18i2.29861. História Revista, Goiânia, v. 18, n. 2, 2014. DOI: 10.5216/hr.v18i2.29861. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/29861>. Acesso em: 13 nov. 2022.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma Antiga ao Brasil contemporâneo. Revista UFG, Goiânia, Ano XIII, n. 12, p.137-153, jul. 2012.

ZAPPONE, Mirian H.Y.; WIELEWICKI, Vera H.G. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p.19-30.

A terceira geração romântica ou condoreira. CESADUFS. Disponível em <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17295416022012Literatura_Brasil_eira_I_Aula_9.pdf>; Acesso em 08 set. 2018.

Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador. BBC. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474>> Acesso em 09. set. 2018

"A EDUCAÇÃO é um ato político". Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991. Disponível em <<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1357>> Acesso em 16. out 2022.

Azeviche - aprenda sobre este mineral orgânico fossilizado. Disponível em <<https://www.cristaisdecurvelo.com.br/pages/AZEVICHE-%252d-Aprenda-Sobre-Este-Mineral-Organico-Fossilizado.html>> Acesso em 13. nov 22.

Castro Alves: a política em poesia. O pensamento político brasileiro. Disponível em <<https://fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1397141645-castro-alves-miolo.pdf>> Acesso em 08 set. 2018

CUTI. Literafro. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/212-cuti>> Acesso em 10. nov. 22.

Dicionário Etimológico da Mitologia Grega. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf> Acesso em 13. nov. 22.

GRADA KILOMBA: Descolonizando o Conhecimento. YouTube. Palestra realizada em março de 2016 no CCSP – Centro Cultural São Paulo. Disponível em <<https://youtu.be/iLYGbXewyxs>> Acesso em 15. nov 202

Internet chega a 20% das casas, mas vê 'buraco negro' no Norte e Nordeste. G1. Disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL764097-6174,00.html>> Acesso em 06. nov. 22

Ligia Fonseca Ferreira. Literatura Fundamental 62 - Luiz Gama - Ligia Fonseca Ferreira. YouTube. Disponível em <<https://youtu.be/WqSuNcU2jdA>> Acesso em 06 out 22

LITERATURA | VICTOR HUGO, POETA E ESCRITOR FRANCÊS. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/literatura-victor-hugo-poeta-e-escriptor-frances/>> Acesso em 10 nov 2022.

José Bonifácio, o moço. Academia Brasileira de Letras. Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/jose-bonifacio-o-moco/biografia>> Acesso em 09. nov. 22

Os repugnantes anúncios de escravos em jornais do Século 19. São Paulo Antiga. Disponível em <<https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>> Acesso em 23 nov 2022.

Victor Hugo e o Brasil. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em <http://bndigital.bn.br/francebr/victor_hugo_port.htm> acesso em 10.11.22> Acesso em 10 nov 2022.